



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MATEUS DOS SANTOS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA REGATA CENTENÁRIA DE CANOAS DO DISTRITO
DE SANTO ESTEVÃO, EM SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

MATEUS DOS SANTOS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA REGATA CENTENÁRIA DE CANOAS DO DISTRITO
DE SANTO ESTEVÃO, EM SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira para a obtenção do título de
Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Igor Fonseca de Oliveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
JUSTIFICATIVA	6
OBJETIVOS	7
OBJETIVOS GERAIS	7
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
QUADRO TEÓRICO	8
METODOLOGIA	13
CRONOGRAMA.....	15
REFERÊNCIAS.....	16
ANEXOS.....	17

1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo que aqui irei apresentar consiste em uma manifestação cultural associada “a cultura dos esquecidos”, uma vez que seus principais atores/personagens são membros de comunidades consideradas marginalizadas. Trata-se de uma regata de canoas que ocorre anualmente em Santo Estevão, distrito de São Francisco do Conde-BA. Muito embora não se possa precisar em que ano ela se iniciou, a idade dos entrevistados sugere que a corrida detém mais de cem anos. Por exemplo, uma das minhas entrevistadas, a senhora Alaíde de Jesus, de 84 anos, disse que, ao nascer, já existia essa corrida.

O distrito de Santo Estevão foi um dos nove engenhos na época que, o município era conhecido por Vila de São Francisco do conde no período de 1916. É notório que só foi fundada como cidade (São Francisco do conde-BA) em 1698, quando foi construído o convento e a igreja no alto do município.

Tratava-se de uma região predominantemente açucareira, composta por uma população, em sua maioria, negra e escrava. Muitos moradores que atualmente residem em Santo Estevão destacam ainda a importância da presença indígena na região, dado esse que pode ser observado por meio de alguns costumes que são por eles praticados.

Localizado dentro de uma extensa área de reserva de Mata Atlântica, o distrito de Santo Estevão encontra-se ainda rodeado por um rico manguezal, de onde são extraídas partes consideráveis da economia que circula pela região. Na verdade, esse distrito encontra-se encravado em um ponto estratégico; muitas ilhas próximas como, por exemplo, a de Bom Jesus dos passos e Maria Guarda. Também, da sua costa, pode-se avistar a cidade de Madre de Deus. Na Figura 1, anexada aqui nesse projeto, pode-se notar a vista que os moradores de Santo Estevão possuem da Baía de Todos os Santos.

Os moradores de Santo Estevão sempre mantiveram uma relação muito intimista com a Baía de Todos os Santos. Há anos os moradores usam as suas águas como meio de escoamento da produção local ou para se deslocar entre as pequenas ilhas existentes na região. Em um dos seus estudos, o autor Wellington Castellucci (2007, p. 27) indicou que populações ribeirinhas como, por exemplo, a Santo Estevão dependiam, entre outras coisas, do ritmo das marés e da reprodução das espécies

para sobreviverem. Todo cotidiano e atividades das pessoas que aí residiam estavam, de algum modo, relacionado com o mar, com a natureza. Existia, assim, o momento de pesca, o momento de mariscar, o instante de navegar, etc..

Mesmo o surgimento do distrito estando relacionado com a produção açucareira então existente em São Francisco do Conde, a sua economia sempre esteve entrelaçada e associada ainda à atividade de pesca; não apenas no mar, mas ainda no manguezal. Hoje, a renda de Santo Estevão encontra-se ainda relacionada a essas atividades, especialmente a pesca de peixes e a coleta de mariscos, produtos não apenas muito cobiçado e consumido pelos moradores da região, mas que ainda atraem a atenção de comerciantes residentes em outras partes do Recôncavo Baiano.

É, nesse ponto, que entra uma das principais personagens desse nosso estudo: a canoa. Usada, durante muitos anos, como principal meio de transporte na região, à canoa sempre esteve presente na História de Santo Estevão. Hoje, mesmo não sendo mais usadas como antes, elas não estão esquecidas, encontram-se preservadas nas memórias mais saudosas dos moradores do distrito. Inclusive, anualmente, mais precisamente no mês de dezembro, elas atraem os olhares de milhares de pessoas que se reúnem nas margens da Baía de Todos os Santos para as observarem em uma corrida que, no ano de 2020, completa provavelmente a idade de 120 anos de existência. É um pouco da História e da memória dessa corrida, a qual atualmente cumpre uma etapa importante dentro de um cenário de atividades culturais que ocorrem em Santo Estevão que se pretende estudar no meu TCC.

2. JUSTIFICATIVA

Mesmo sendo um dos primeiros núcleos de ocupação e povoamento do Brasil, pouco se sabe sobre a História de São Francisco do Conde. Muito menos ainda sobre a História dos pequenos distritos que compõe esse município. Muito do que se sabe, do que se diz, do que se narra, não estão registrados em obras de História, mas sim na memória da população, sobretudo na mais idosa.

São Histórias ricas, cheias de vida, de personagens que eu cresci ouvindo. Entre elas, a que sempre me chamava mais atenção era memória que circulava em torno da regata de canoas, uma tradição que demonstra as raízes, a ancestralidade e a cultura da região, sobretudo as desenvolvidas por pessoas simples como os pescadores e os marisqueiras.

Essa pesquisa pretende não apenas preservar, por meio da História Oral, parte dessas memórias, mas ainda contribuir para uma maior valorização da História de São Francisco do Conde, em especial do distrito de Santo Estevão, onde nasci, cresci e onde resido. Muito embora apareça como um motivador, a necessidade de desenvolver esse estudo vai muito além da minha relação com o distrito de Santo Estevão. Fui e sou um observador curioso das práticas e das manifestações culturais que ocorrem onde resido. Sempre procurei sentar mais perto das pessoas que podiam narrar e contar um pouco mais sobre o que estava diante de mim. Hoje, não quero apenas mais ouvir, quero poder contar e analisar a partir de uma perspectiva da História o que ouvi e o que ainda posso presenciar. Trazer e enaltecer as vozes dos pescadores e canoeiros de Santo Estevão consiste em uma oportunidade de reconhecer a importância da ancestralidade dos moradores desse distrito.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Narrar e analisar a História e a memória da regata centenária de Santo Estevão, distrito de São Francisco do Conde-BA, salientando a sua importância como meio de valorização da ancestralidade dos moradores da região, sobretudo os pescadores e as marisqueiras;

3.2 Objetivos Específicos

- Contextualizar em que momento surgiu a corrida de canoas de Santo Estevão, relacionando esse evento esportivo com a prática diária e os serviços desenvolvidos pelos pescadores e canoeiros da região;
- Indicar o ritual que permeia a construção das canoas e de que modo estão distribuídas as atividades dentro das canoas;

4. O OBJETO DE ESTUDO E O QUADRO TEÓRICO

Logo no primeiro dia do ano, ocorre no município de São Francisco do Conde uma regata, nome esse dado a uma competição de pequenas embarcações a vela. No ano de 1958, em um relatório produzido pelo Conselho Nacional de Estatística, registrou-se o quanto essa regata, realizada anualmente no Dia da Mãe D'água, era importante para o município:

uma das mais típicas tradições de São Francisco do Conde e a festa da Mae D'agua, que se realiza a 1º de janeiro, nas aguas do Sergimirim, em cujas margens foi levantado o engenho que deu origem a cidade. E festa de pescadores da cidade e de outras localidades, que, em canoas e saveiros, entoando cantos em louvor da Mae D'agua e munidos de instrumentos típicos (atabaques, omeles etc.) .(ROCHA,1958,p.12).

O registro, datado do século passado, revela uma relação secular entre os moradores de São Francisco do Conde e do seu entorno com a Baía de Todos os Santos. Tradicional, essa regata seria naquela ocasião apontada como a mais importante, em detrimento a outras que ocorriam no mesmo município.

Nesse projeto pretendo analisar a História e memória de uma dessas outras regatas, mais precisamente a de canoas de Santo Estevão, realizada anualmente no dia 8 de dezembro. Não pude precisar desde quando ela ocorre, porém algumas pessoas que entrevistei para o desenvolvimento desse estudo indicam que ela data de mais de cem anos. Na Imagem 2 anexada a esse estudo, pode-se observar a corrida mencionada.

Mesmo Santo Estevão sendo distrito de São Francisco do Conde-BA, a sua regata apresenta atualmente uma maior proporção quando comparada a que ocorre no início do ano. Inclusive, quanto ao aspecto econômico, a de Santo Estevão acaba atraindo um maior número de expectadores. Turistas de diversas partes do Recôncavo Baiano se deslocam para esse distrito para assistirem a essa regata. Eles são recebidos com alegria pela população e pelos comerciantes locais, os quais aguardam ansiosamente essa oportunidade para aumentar as suas rendas mensais por meio de aluguéis de imóveis e com a venda de produtos e alimentos produzidos no próprio município.

Hoje, a regata centenária de canoas serve como um “turismo esportivo”, como fenômeno social e econômico, demonstrando um crescente aumento no mercado turístico da região, proporcionando ainda a comercialização dos pescados e dos mariscos coletados por parte das mulheres da região.

No dia 8 de dezembro, a rotina pacata do distrito muda. Os moradores da região ocupam as suas ruas, as quais recebem ainda mais de dois mil turistas. Esses desejam observar não apenas a corrida de canoas, mas ainda a lavagem da Igreja de Santo Estevão. Sobre a data da corrida, nem sempre ela ocorre no mesmo dia do ano, pois, em algumas ocasiões, ela ocorreu no primeiro domingo do mês de dezembro. É, nesse momento, que as canoas ressurgem com mais intensidade na Baía de Todos os Santos, ocupando um cenário que pareceu sempre pertencer a elas.

Em estudo sobre a região de Itaparica, região que preserva muitas características parecidas com a que pretendo aqui estudar, Wellington Castellucci (2007, p. 34) indicou que pouco antes mesmo de amanhecer, podiam-se notar pescadores indo para o mar em pequenas canoas. Outras pessoas, em sua maioria mulheres, iam mariscar. Munidas de alguns utensílios, retornavam depois com suas vasilhas cheias de lambretas, ostras, rala-coco, aratu, etc..

É uma realidade comum a de Santo Estevão, como sugerem os depoimentos de alguns entrevistados. Logo que amanhecia, podiam-se notar muitas canoas que se distanciavam da costa para realizar a prática da pesca. Segundo o morador Antônio Jesus Santos, de 54 anos de idade, essas mesmas canoas eram ainda usadas para o deslocamento de pessoas, ressaltando que “o uso do traquete”, segundo o seu pai o contou, permitiu que as viagens pudessem ser realizadas mais rapidamente.

Segundo Wellington Castellucci (2007, p. 35):

[...] canoas movidas a traquetes e tripuladas por vários pescadores aproximavam-se dos diversos portos nas enseadas. Vinham carregadas de pescado: *tainha*, *sardinha*, *xumberga*,¹¹ malhadas nas redes de espera e de arrasto. Também traziam muitos quilos de camarão, resultado de uma tarefa iniciada nas primeiras horas da madrugada, fosse em épocas de verão ou de inverno.

Saliento que o surgimento da regata pode estar relacionado com o início do uso do traquete, podendo daí ter surgido à ideia de disputa de canoas entre os pescadores da região. Todavia, se o uso do traquete pode estar associado ao surgimento da corrida de canoas, não se pode datar em que momento esse instrumento passou a ser empregado com mais regularidade pelos pescadores. Trata-se de algo complexo de ser investigado, mas que não descartamos essa associação, uma vez que antes se usava apenas o pano para o deslocamento.

Na Imagem 3, em anexo, pode-se perceber como o traquete era usado na canoa, permitindo que elas alcançassem mais velocidade. O uso desse instrumento

permitiria assim um deslocamento mais rápido entre os 4,67km, distância a ser percorrida pelos participantes da corrida de canoa; como pode ver na Imagem 5 em anexo.

Para Seu Antônio, a corrida se iniciou apenas como uma brincadeira de pescadores. Sairia vencedor quem percorresse primeiro o trajeto entre a Ilha de Bom Jesus dos Passos, em Salvador, e a de Santo Estevão. Esse receberia como prêmio um simbólico ramo de flores.

Dona Alaíde de Jesus, de 85 anos, completa dizendo que:

o surgimento da regata está associado ao lazer, para ela quem idealizou segundo seus antepassados foi dois pescadores, que tinha um pequeno negócio de peixe em Santo Estevão, os senhores “Nezinho e Mesquita”, apostavam ramos de flores para os primeiro a chegar, ela acredita que a corrida é bem anterior a sua existência. (07/04/2019).

Mesmo surgindo de modo aparentemente desprezioso, ou seja, como uma mera prática de lazer, não se pode negar que ela adquiriu uma marca importante para a identidade dos pescadores que residiam e ainda residem em Santo Estevão. Tradição essa que permite que diversos pescadores se reconheçam e valorizem seus saberes ancestrais comuns, especialmente os relacionados ao mar e a prática da canoagem.

A regata de Santo Estevão Trata-se de uma competição náutica de canoas à “vela ou traquete”, De acordo com VEIGA, PINHEIRO e WILIAMS (2000,) eles relatam que a todo tempo o homem usou a vela nas embarcações, seja por meio do transporte ou para pesca, mais atualmente é usado para o lazer. É notório que o tipo de embarcação que eles falar difere de Santo Estevão, pois o deles é sobre o esporte do “iatismo”, mas a relação do uso da vela é a mesma do distrito, pois a canoa a vela antes era usada para o deslocamento e trabalho, hoje é usado para o lazer dos pescadores (regata).

Tanto a vela como o traquete nessa tradição tem a mesma importância, cada uma fica na sua categoria, tem o objetivo de gerar velocidade para as canoas. Segundo o corredor Tiago Machado Teixeira, o que difere as duas é que, o pano da vela tem o formato de triangulo, já o traquete tem o formado de quadrado; conforme nas imagens 3 (traquete) e a 4 (vela) do anexo.

Se olhar para as considerações de VEIGA, PINHEIRO e WILIAMS (200) que a vela foi usada para as praticas do lazer, porque do surgimento dos motores de

combustão usados nas embarcações. Tem muita haver com o distrito, pois atualmente o trabalho da pesca ou as viagens pela aquela baía de todos os santos, são feita em barcos movidos a motores, conhecido como “barco de fibra”, o aparecimento da canoa com vela ou traquete, só aparece na comunidade quando os pescadores estão treinando pelo mar ou no dia da corrida.

Há anos que esses saberes ancestrais são preservados, mesmo sendo pouco conhecidos. Segundo Seu Antônio, o “seu gosto pela regata vem de seu pai, pois em sua época era um dos organizadores do evento, depois virando amor pelo evento”.

Esse sentimento acabou sendo repassado depois para outros familiares, sempre dos mais antigos para os mais novos. Entre os participantes, compartilhar o amor por esse esporte, por essa atividade cultura parece ser ainda mais importante, uma vez que o desempenho na canoa depende de uma atividade coletiva. O entrosamento entre a equipe aparece como primordial em alguns depoimentos. Toda a estratégia a ser aplicada depende não apenas de uma pessoa, mas sim da atenção e da dedicação da equipe. Força para puxar e equilibrar a corda, permitindo mais velocidade da embarcação. Treinos, disciplina e comprometimento, nada parecem escapar deles.

Tiago Machado Teixeira, de 35 anos, mais conhecido como “Homem Pedra”, revelou um dos “macetes” da sua equipe. Segundo ele, uma das estratégias mais importantes que eles usavam era molhar o pano (vela de pena ou traquete), permitindo assim que o vento não passasse direto, dando mais velocidade a canoa. Outro método aplicado era balançar a canoa, deixando-a mais veloz.

Hoje, participa da corrida, mais ou menos, 25 canoas, divididas em duas categorias maiores: a vela de pena e o traquete. Dentro dessa categoria, existem ainda diferentes modalidades; o traquete grande (10 a 14 tripulantes, tendo a canoa 10 a 11 metros de comprimento por 90 a 1 metro de largura) e o pequeno (5 tripulantes, tendo a canoa 4 metro de comprimento por 70 de largura); vela de pena pequena (5 tripulantes, tendo a canoa 4 metros por comprimento por 70 de largura), de pena média (6 a 7 tripulantes, tendo a canoa 6 metros de comprimento por 70 centímetro de largura) e de pena grande (10 a 14 tripulantes, tendo a canoa 10 a 11 metros de comprimento por 90 a 1 metro de largura).

Nesse sentido, a canoas compete de acordo com o tamanho e a capacidade numérica dos seus tripulantes. O vencedor de cada uma dessas categorias recebe, além de um troféu, uma quantia razoável em dinheiro. Segundo Antônio, o valor

estimado a ser pago ao vencedor da regata veria entre 4 e 5 mil reais, sendo que a maior quantia se destina ao vencedor da categoria vela de pena. Trata-se de um recurso oriundo da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde-BA, em especial da Secretaria de Cultura.

Todos os anos, a regata atrai canoas oriundas de diversos pontos e municípios do Recôncavo: Ilha de Maré, Ilha de Paramana, Ilha de Bom Jesus dos Passos, Ponta de Nossa Senhora, Caboto, Acupe, Bom Jesus dos Pobres, Maria Guarda, entre outros. Todos os participantes são pescadores, o que nos permite indicar que esse evento serve para enriquecer e valorizar a identidade, a cultura e os saberes desses indivíduos.

Os ocupantes da canoa ocupam funções distintas. Esses são conhecidos como cabo, tira tombo, cueiro, popeiro e o mestre da canoa. Os cabos tem o papel de puxar à corda para dar velocidade à canoa e se manter em pé na corrida; nas navegações o número maior de componentes é do cabo, são diferenciados entre si na ordem cronológica (cabo 1, cabo 2, etc.), sempre da frente para o fundo da canoa. Também tem o “tira tombo”, que tem o objetivo de controla à canoa e organiza-a para não virar, mantendo ela em pé para o termino da regata; esse tira tombo também pode ser chamado de cabo, dentro da categoria dos cabos o ultimo que ganha o nome de tira tombo.

Também existe o “cueiro”, um dos mais importantes, segundo revelou os corredores. Esse tem o privilégio de carregar com ele um material em mão, chamado de “cuia”. Cabe a esse indivíduo retirar com esse objeto a água que entra na canoa. Sua agilidade no desempenho dessa atividade permite não apenas que a embarcação não inunde, mas ainda que ela se mantenha sempre ágil e em velocidade.

Por fim, tem o “popeiro” que demonstra ser o integrante mais importante da canoa, conhecido também como o “mestre da canoa”. Na grande maioria dos casos, os popeiros são os donos das navegações. Eles se posicionam atrás da embarcação, tem o principal papel da corrida, que é guiá-la. São comumente pessoas idosas que, antes de ocuparem esse posto, passaram por todos os outros mencionados aqui anteriormente.

A canoas era feitas artesanalmente, com madeira extraída nas matas no entorno do distrito. Os pescadores pegavam no pesado para construir a canoas, entre elas existiam, como qualquer outra competição, as mais favoritas, como as

tradicionais canoas de “Piaça e a Morena”; “Piaça” (canoa tradicional de Santo Estevão) e a Morena (canoa tradicional da Ilha de Maria guarda), ambas somando muitas vitórias. Se referindo à canoa Morena, o senhor Antônio que “não tem dinheiro que compre ela, vale ouro”.

É, por meio do uso metodológico da História Oral, que se pretende analisar a História e as memórias que circulam a corrida de canoas de Santo Estevão. Tenho procurado entrevistar os moradores mais antigos desse distrito, especialmente os envolvidos diretamente com o evento. Quase não existem materiais escritos sobre essa corrida, daí a importância de se valorizar a Tradição Oral, uma vez que a história falada é tão importante quanta a escrita, porque ela olha para os ditos “subalternos”.

De acordo com Britto, QuintsIr e Pereira (2019, p. 48), a “Baixada Fluminense tem sua identidade territorial marcada pelos rios”. Partindo dessa mesma concepção, a identidade dos moradores de Santo Estevão estar marcada por sua relação com o mar, a todo tempo algum morador estar em contato com ele, em todos os aspectos.

O uso da “oralidade” proporciona conhecer essas histórias narradas dos “excluídos”, mostrando além da regata centenária de canoa, como é a vida desses habitantes. A inclusão da oralidade como metodologia-teórica, proporciona que os pesquisadores possam gravar testemunhos orais, para poder contar a trajetória e vida dos “desconhecidos” (CASTELLUCCI,1999).

De acordo com os entrevistados, nota-se que a população em geral quer uma maior valorização cultural da tradição, dando o valor que a “regata” tem e merece, fazendo que os jovens resgate a cultura da “vela”. Mostrando para as novas gerações o que ela carregar de verdade, não só uma competição, mais sim o grande valor cultural local, entre outros aspectos, como: ancestralidade, identidade, cultura local, personagens históricos e a história da comunidade ou uma parte dela.

5. Metodologia

Essa pesquisa está centrado na manifestação cultural local de São Francisco do Conde-BA, tendo o foco na centenária regata de canoa de Santo Estevão distrito de São Francisco. Com o objetivo de escrever sobre essa tradição local, toda tradição é uma ancestralidade, trabalhar com ela é conhecer a identidade daqueles “pescadores”.

O trabalho tem a abordagem de pesquisar qualitativa, que gera hipóteses, definir um problema, através de opiniões fornecidas pelo público estudado, utilizei a pesquisa bibliográfica usando matérias já publicadas como livros, revista, teses, dissertações e etc. para enriquecer e ajuda na coleta de dados, a pesquisa bibliográfica é importante para: “a bibliografia pertinente oferecer meios para definir, resolver, não problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” (MACHADO. VIEIRA, ano?, p,2, apud MANZO, 1971, p.32).

Foi utilizado a historia oral "técnica de investigação própria da história do século XX" (FERREIRA. AMADO, Ed.8, 2006, p.6). Foi feita com varias pessoas, com perguntas abertas sobre a “regata”, as mais importantes foram duas, cada uma de famílias distintas, o senhor Antônio na Atividade Jesus Santos de 54 anos e a senhora Alaíde de Jesus de 85 anos. Ajudando a detalhar a história daquela corrida, entender como ela surgiu e sua importância para a comunidade.

Com a entrevista não estruturada, foi possível obter informação mais abertas possível, com uma relação mais amigável com os entrevistados, a entrevista é uma interação social, pois proporciona uma melhor adaptação com o tema, “A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em trabalhos científicos. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico” (FRANCISCO, FERES, 2011, p.237).

Essa manifestação cultural é associada como “a cultura dos esquecidos”, por ser de uma comunidade marginalizada, é difícil ser contada e valorizada como cultura em si, por não ter documentos escritos, a ideia de cultura criada pelos dominantes, que “cultura” tem que ser escrita. Mas, atualmente, sobretudo a partir da história oral essas narrativas culturais, dos povos que “vem de baixo pra cima” seja “ouvida”, podendo virar também instrumentos educacionais para pesquisa, a oralidade dialoga com os ditos “subalternos”, de acordo com Jorge Eduardo Aceves Lozano (1996):

Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas. (LOZANO, 1996, p.15)

A população franciscana tem que ter sua formação como ser “humano”, conhecendo sobre sua origem, cultura e história, para poder preservar suas próprias culturais. Para incentivar outros pesquisadores a olhar para a cultura local, que é

notório ter muita importância para ser trabalhado na história local de São Francisco do Conde-BA.

6. CRONOGRAMA

ATIVIDADES	SEMESTRES			
	2020.1	2020.2	2021.1	2021.2
Leituras Bibliográficas		X	X	X
Desenvolvimento da Problemática	X	X		
Pesquisa	X	X	X	
Redação do TCC	X	X	X	X
Defesa do TCC				X

REFERÊNCIAS

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco e FERES JÚNIOR. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos.** Evidência, Araxá, v. 7, n. 7. 2011

CASTELLUCCI, Wellington. **Pescadores da Modernagem: cultura, trabalho e memória em Tairu, Bahia. 1960-1990.** São Paulo. Pontifícia universidade católica de São Paulo. 1999.

CASTELLUCCI, Wellington. **Pescadores da Modernagem: experiências e Trajetórias nos diversos tempos da vila de Tairu – Itaparica (1960-1990).** São Paulo. Annablume. 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral.** V.8. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. 2006.

LANZARINI, Elias Junior. FERRO, Mauricio Teixeira. **Turismo esportivo: renda, educação e lazer.** Revista Turismo. Disponível em: <https://www.revistaturismo.com.br> acesso em: Abr/04/?

ROCHA, Renato. **São Francisco do conde-Bahia. IBGE.** 1958. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n172_saofranciscodoconde.pdf. Acessado em 20 jan. 2020.

VEIGA, Augusto Elísio Lessa, PINHEIRO, Filipe Martins, WILIAMS, Marcos Santoni. **Curso Básico de vela.** Departamento de Engenharia Naval, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Atualizado em 20 de setembro de 2000.

ANEXOS



Imagem 3

[http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/?s=corrida+de+canoas.](http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/?s=corrida+de+canoas)



imagem 1.

Fonte: <https://www.flickr.com/> Manguezal entre Santo Estevão e Madre de Deus.



Imagem 2

<http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/page/230/?p=rcozmqvgahhrtm>



Imagem 4 [https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/santo-estevao-](https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/santo-estevao-deu-inicio-aos-festejos-em-homenagem-ao-santo-padroeiro-local/)

[deu-inicio-aos-festejos-em-homenagem-ao-santo-padroeiro-local/](https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/santo-estevao-deu-inicio-aos-festejos-em-homenagem-ao-santo-padroeiro-local/)

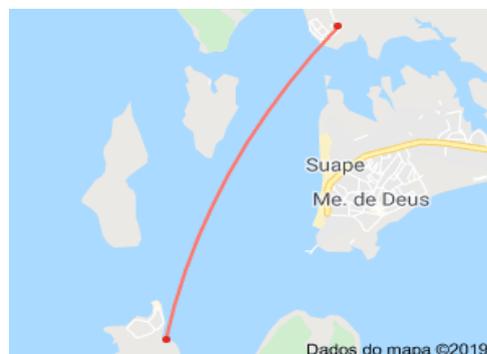


Imagem 5 <https://www.google.com.br/maps/preview>